

SUBDESENVOLVI MENTO E DESENVOLVI MENTO

Organização e Introdução de

LUIZ PEREIRA

*

Terceria edição

ZAHAR EDITORES

RIO DE JANEIRO

MOVIMENTOS SOCIAIS*

HERBERT BLUMER

Tradução de LUIZ PEREIRA

Os MOVIMENTOS SOCIAIS podem ser considerados como empreendimentos coletivos para o estabelecimento de uma nova configuração de vida. Têm raízes num estado de inquietação social, e derivam seu impulso, de um lado, da insatisfação com vigente forma de vida, e, do outro, dos desejos e esperanças de um novo modo ou sistema de vida. O curso de um movimento social representa a emergência de uma nova ordenação de vida [...].

MOVIMENTOS SOCIAIS GERAIS

Novas tendências culturais. Por movimentos sociais gerais entendemos movimentos como o trabalhista, o de juventude, o feminista e em prol da paz. Seu fundo é constituído por mudanças gradativas e difundidas nos valores das pessoas — mudanças que podem ser denominadas tendências culturais. Estas significam uma alteração geral nas idéias das pessoas, sobretudo quanto às concepções que têm de si próprias e quanto aos seus direitos e privilégios. Muitas pessoas, durante certo período, podem desenvolver uma nova visão do que crêem sejam direitos seus — uma visão grandemente constituída de desejos e esperanças. Isso significa a emergência de um novo conjunto de valores, que influenciam as pessoas no modo pelo qual con-

* "Social Movements", págs. 255-272, de Robert E. Park (org.), *An Outline of the Principles of Sociology*, Barnes & Noble, Nova York, 1939.

sideram suas próprias vidas. Exemplos de tais tendências culturais, em nossa história recente, são o crescente valor da saúde, a crença na livre educação, a extensão do direito de voto, a emancipação da mulher, o crescente cuidado para as crianças e o crescente prestígio da ciência.

Imagens imprecisas e comportamento. O desenvolvimento dos novos valores produzido por essas tendências culturais implica interessantes mudanças psíquicas que fornecem a motivação para os movimentos sociais gerais. Elas significam, num sentido amplo, que as pessoas chegaram a formar novas concepções de si próprias, não consentâneas com as efetivas posições que ocupam na vida. As pessoas adquirem novas disposições e interesses e, assim, tornam-se sensíveis em novas direções; e, complementariamente, experimentam insatisfação diante do que antes não lhes provocava essa reação. Essas novas representações de si próprias, que as pessoas começam a desenvolver em resposta a tendências culturais, são vagas e imprecisas; e, correspondentemente, o comportamento, em resposta a tais representações é incerto e sem objetivo definido. É esse aspecto que oferece um ponto de partida para a compreensão dos movimentos sociais gerais.

Características dos movimentos sociais gerais. Os movimentos sociais gerais tomam a forma de esforços tateantes e descoordenados. Têm somente uma orientação geral, no sentido da qual se processam de maneira vagarosa, hesitante, mas persistente. Como movimentos, são inorganizados, sem liderança estabelecida nem reconhecimento da participação de seus membros, e apresentam pouca direção e controle. O movimento feminista, por exemplo, que possui o genérico e vago objetivo da emancipação da mulher, sugere esses aspectos dos movimentos sociais gerais. Esse movimento, como todos os movimentos sociais gerais, opera num amplo âmbito: no lar, no casamento, na educação, na indústria, na política, nas viagens, em toda área onde ele significa busca de uma ordenação que corresponda à nova idéia de *status* que veio sendo desenvolvida pelas mulheres. Tal movimento é episódico, com manifestações de atividade bastante dispersas. Pode ele apresentar considerável entusiasmo num ponto e relutância e inércia em outro; pode ter êxito num setor e consistir em esforço infrutífero em outro. Em geral, pode-se dizer que seu progresso é muito desigual, com retrocessos, reverses de freqüentes retraimentos. Em certa ocasião, o ímpeto do movimento pode prover de pessoas de dado local; em outras, de pessoas de outro lugar. No conjunto, o

movimento tende a avançar pelos esforços de muitas pessoas desconhecidas e obscuras que lutam em diferentes setores, sem que seu empenho e resultados se tornem geralmente conhecidos.

Um movimento social geral comumente caracteriza-se por uma literatura, mas esta é tão variada e indefinida como o próprio movimento. Ela tende a ser uma expressão de protesto, com uma descrição genérica de uma espécie de existência utópica. Como tal delinea vagamente uma filosofia baseada em novos valores e em concepções pessoais. Por imprecisa que seja, essa literatura tem grande importância para a difusão de uma mensagem ou concepção e, assim, para firmar sugestões, despertar esperanças e provocar insatisfações. Analogamente, os "líderes" de um movimento social geral desempenham parte importante — não no sentido de exercer controle direto sobre o movimento, mas no de dar-lhe andamento. Esses líderes são como "vozes no deserto", pioneiros sem firmes seguidores, freqüentemente não muito conscientes de seus próprios objetivos. Contudo, seu exemplo ajuda a desenvolver sensibilidades, despertar esperanças e solapa resistências. Por esses traços, pode-se facilmente perceber que o movimento social geral se desenrola basicamente de modo informal, não-notório e em ampla medida subterrâneo. Seus meios de interação são basicamente leitura, conversas, discussões e percepção de exemplos. Suas realizações e atuações fazem-se basicamente no campo da experiência individual, mais do que por uma ação conjugada e perceptível de grupos. Parece evidente que o movimento social geral seja dominado em larga extensão pelos mecanismos de comportamento de massa [...]. Especialmente em suas fases iniciais, os movimentos sociais gerais são simplesmente uma agregação de linhas individuais de ação baseadas em decisões e escolhas individuais. Tal como é característica da massa e do comportamento de massa, os movimentos sociais gerais são bastante amorfos na organização e inarticulados na expressão.

A base para movimentos sociais específicos. Da mesma forma que as tendências culturais fornecem o terreno de que emergem os movimentos sociais gerais, o movimento social geral constitui o alicerce sobre o qual se desenvolvem os movimentos sociais específicos. De fato, um movimento social específico pode ser considerado a cristalização de muito da motivação de insatisfação, esperança e desejo desperçada pelo movimento social geral, e como a convergência dessa motivação para algum objetivo específico. Uma adequada ilustração é o movimento antiescravista que foi, em considerável grau, uma expressão particularizada do difundido movimento humanitarista do século

XIX. Com tal reconhecimento da relação entre movimentos sociais gerais e específicos, podemos passar à consideração destes últimos.

MOVIMENTOS SOCIAIS ESPECÍFICOS

Características. Os casos proeminentes desse tipo de movimento são os movimentos reformistas e os movimentos revolucionários. Um movimento social específico é aquele que possui um objetivo ou alvo bem definido, que procura alcançar. Nesse seu esforço, desenvolve uma organização e uma estrutura, que o tornam essencialmente uma sociedade. Desenvolve uma liderança reconhecida, e aceita, e uma definida ligação entre seus membros caracterizada por uma "consciência do nós". Forma um corpo de tradições, um conjunto de valores orientadores, uma filosofia, conjuntos de regras e um sistema geral de expectativas. Seus membros estabelecem fidelidades e lealdades. Em seu interior desenvolve-se uma divisão do trabalho, sobretudo na forma de uma estrutura social em que os indivíduos ocupam posições diferenciadas. Assim, os indivíduos desenvolvem personalidades e autoconcepções que constituem a contrapartida individual de uma estrutura social.

Um movimento social de tipo específico não principia com tais estrutura e organização já estabelecidas. Pelo contrário, sua organização e cultura são desenvolvidas enquanto ele se desdobra. É necessário ver os movimentos sociais dessa perspectiva temporal e desenvolvimentista. No começo, um movimento social é frouxamente organizado e caracterizado por comportamento e pensamento que se acham grandemente sob o domínio da inquietação e excitação coletivas. Entretanto, à medida que se desenvolve, seu comportamento, originalmente dispersivo, tende a tornar-se organizado, solidificado e persistente. É possível delinear grosseiramente fases do desenvolvimento de um movimento social, que significam essa organização crescente. Um esquema de quatro fases foi sugerido por Dawson e Gettys.¹ São elas as etapas de inquietação social, de excitação popular, de formalização e de institucionalização.

Fases de desenvolvimento. Na primeira dessas quatro fases, as pessoas estão inquietas, ansiosas, e agem descoordenadamente, no modo que já consideramos. São sensíveis aos apelos

¹ Dawson e Gettys, *Introduction to Sociology*, The Ronald Press, Nova York, 1935.

e sugestões que tocam em seu descontentamento e, por isso, nessa fase, o agitador tende a desempenhar um papel importante. O comportamento desordenado e errático é significativo na sensibilização recíproca das pessoas, de maneira que torna possível dirigir sua inquietação sobre certos objetos. A etapa de excitação popular é marcada ainda mais pelo *militing*, mas este não se apresenta tão descoordenadamente e sem objetivo. Emergem noções mais definidas quanto à condição das pessoas e quanto ao que deve ser feito no sentido da mudança social. Há, assim, um precisamento na definição de objetivos. Nessa etapa, o líder tende a ser um profeta ou um reformador. Na fase de formalização, o movimento torna-se mais precisamente organizado com regras, políticas, tática e disciplina. O líder tende, a essa altura, a ser da natureza de um homem de Estado. Na fase de institucionalização, o movimento cristalizou-se numa organização fixa com um pessoal definido e uma estrutura para a execução dos objetivos do movimento. O líder tende, aqui, a ser um administrador. Ao considerar o desenvolvimento de um movimento social específico, nosso interesse está menos em considerar as fases pelas quais atravessa e mais em discutir os mecanismos e meios pelos quais tal movimento progride e se torna organizado. É conveniente agrupar esses mecanismos sob cinco rubricas: a) agitação; b) desenvolvimento do *esprit de corps*; c) desenvolvimento do moral; d) formação de uma ideologia; e e) desenvolvimento de tática operatória.

O papel da agitação. A agitação é de fundamental importância num movimento social. Desempenha papel mais significativo no começo e fases iniciais de um movimento, embora possa persistir, em forma atenuada, nas etapas posteriores, do ciclo vital do movimento. Como o termo sugere, a agitação opera para despertar pessoas e assim torná-las recrutadas potenciais para o movimento. Consiste essencialmente num meio de excitar pessoas e despertar-lhes novos impulsos e idéias que as tornam inquietas e insatisfeitas. Por consequência, atua no sentido de diminuir a influência de sua ligações anteriores e no de solapar seus modos anteriores de pensar e agir. Para que um movimento se inicie e ganhe ímpeto é necessário, para que as pessoas sejam por ele envolvidas, que se desprendam de suas maneiras costumeiras de pensar e de crer e que nelas surjam novos impulsos e desejos. Isso é o que a agitação procura fazer. Para ter êxito ela deve, em primeiro lugar, obter a atenção das pessoas; em segundo lugar, deve excitá-las e nelas despertar sentimentos e impulsos; e, em terceiro lugar, deve

dar alguma direção a esses impulsos e sentimentos por meio de idéias, sugestões, críticas e promessas.

A agitação opera em duas espécies de situações. A primeira consiste numa situação caracterizada por abuso, discriminação iníqua e injustiça, mas uma situação tal em que as pessoas tomam esse modo de vida como natural e não o questionam. Assim, embora a situação seja potencialmente carregada de sofrimento e protesto, as pessoas caracterizam-se pela inércia. As representações de sua situação inclinam-nas a aceitar. Aqui, a função da agitação consiste em levá-las a desafiar e questionar seus próprios modos de vida. Em tal situação, a agitação pode criar inquietação social onde esta inexista. Outra situação é aquela em que as pessoas já estão despertadas, inquietas e descontentes, mas estão tímidas demais para agir ou mesmo para saber o que fazer. Em tal situação, a função da agitação não é tanto plantar as sementes da inquietação como a de intensificar, liberar e dirigir as tensões que as pessoas já possuem.

Os agitadores parecem enquadrar-se em dois tipos que correspondem, de modo geral, a essas duas situações. Um tipo de agitador é o indivíduo excitado, inquieto e agressivo. Seu comportamento dinâmico e exuberante atrai a atenção das pessoas; e a excitação e inquietude de seu comportamento tende a contaminá-las. Ele tende a agir com postura dramática e a falar por imagens espetaculares. Sua aparência e comportamento fomentam o contágio da inquietação e o excitamento. Esse tipo de agitador tende a ter mais êxito na situação em que as pessoas já se acham perturbadas e desorientadas. Nessa situação, sua atividade excitada e exuberante pode facilmente despertar outras pessoas que são sensíveis a tal comportamento e já predispostas à excitação.

O segundo tipo de agitador é mais calmo, tranquilo e dignificado. Agita as pessoas não pelo que faz, mas pelo que diz. Tende a ser um homem que poupa palavras, porém capaz de dizer coisas caústicas, incisivas e mordazes — que estão “à flor da pele” das pessoas e que as forçam a ver as coisas à nova luz. Esse tipo de agitador é mais adequado à primeira das duas situações sociais acima expostas — aquela em que as pessoas suportam privações ou discriminação sem que desenvolvam atitudes de ressentimento. Nessa situação, a função do agitador é tornar as pessoas conscientes de suas próprias posições e das desigualdades, deficiências e injustiças que parecem caracterizar seu destino. Ele as leva, então, a pôr questões sobre o que antes

tomavam como natural e a formar novos desejos, inclinações e esperanças.

A função da agitação, como acima ficou afirmado, é em parte desentocar e agitar as pessoas, e, assim, liberá-las para que se movimentem em novas direções. Mas especificamente, a agitação opera para mudar as concepções que as pessoas têm de si próprias e as noções que possuem de seus direitos e deveres. Essas novas concepções, que envolvem crenças de que se está justamente no direito a privilégios de que até então se estava excluído, fornecem a força motivadora dominante para o movimento social. A agitação, como meio de implantar essas novas concepções nas pessoas, torna-se, desse modo, de importância básica para o êxito de um movimento social.

Uma rápida observação sobre as táticas de agitação pode ser aqui feita. Basta dizer que as táticas de agitação variam com a situação, as pessoas e a cultura. Um procedimento de muito êxito numa situação pode mostrar-se ridículo em outra. Isso sugere o problema de identificar tipos de situações e correlacionar com cada um deles a forma adequada de agitação. Praticamente nenhum estudo foi realizado sobre esse problema. Cabe aqui apenas afirmar o truismo de que o agitador, para ter êxito, deve sentir os pensamentos, interesses e valores de seus ouvintes.

O desenvolvimento do “*esprit de corps*”. A agitação é meramente o meio de despertar o interesse das pessoas e assim levá-las a participar do movimento. Embora sirva para recrutar membros, dar o impulso inicial e dar alguma direção, por si mesma nunca poderia organizar e sustentar um movimento. As atividades coletivas baseadas em uma agitação seriam esporádicas, desconexas e de curta duração. Outros mecanismos são necessários para dar solidez e persistência a um movimento social. Um desses mecanismos é o desenvolvimento do *esprit de corps*.

O *esprit de corps* poderia ser considerado como a organização de sentimentos em nome do movimento. Em si mesmo, é o senso que as pessoas têm de co-participarem de um empreendimento comum e de serem assim identificadas entre si. Sua base é constituída por uma condição de ligação mútua. Ao desenvolverem sentimentos de intimidade e proximidade, as pessoas têm o senso de participar de uma experiência comum e de formar um grupo à parte. Na presença uma das outras, sentem-se à vontade e como companheiros. Quebra-se a reserva pessoal e desaparecem sentimentos de estranheza, diferença e

alheamento. Sob tais condições, as relações tendem a ser de cooperação em vez de competição pessoal. O comportamento de um tende a facilitar o desencadeamento do comportamento de outros, em vez de tender a inibir ou restringir esse comportamento. Nesse sentido, cada pessoa tende a inspirar as demais. Tais condições de mútua simpatia e correspondência contribuem, obviamente, para o comportamento conjugado.

O *esprit de corps* tem importância para um movimento social ainda de outras maneiras. Muito significativo é o fato de que se vê para reforçar a nova concepção de si próprio que o indivíduo formou como um resultado do movimento e de sua participação neste. O sentimento de co-participação dá, ao indivíduo, um senso de apoio coletivo. Desse modo, suas representações de si próprio e dos objetivos do movimento são mantidas e revigoradas. Segue-se que o desenvolvimento do *esprit de corps* ajuda a aumentar a vinculação das pessoas com o movimento. Todo indivíduo tem seus sentimentos orientados para os objetivos do movimento e com estes antrelaçados. O resultante sentimento de expansão que ele experimenta vai no sentido de maior vinculação com o movimento. Deve ser claro que o *esprit de corps* consiste num meio importante de desenvolver solidariedade e, assim, de dar solidez a um movimento [...].

O *esprit de corps* pode ser, então, tomado como uma organização do sentimento grupal e, essencialmente, como uma forma de entusiasmo grupal. É ele que dá vida a um movimento. Contudo, do mesmo modo que a agitação, a mera existência do *esprit de corps* é insuficiente para o desenvolvimento de um movimento. Um movimento que depende inteiramente do *esprit de corps* se apresenta em geral como um súbito e tende a entrar em colapso face a uma crise séria. Como a adesão que infunde baseia-se apenas em entusiasmo intenso, tende ela a desvanecer com o colapso desse entusiasmo. Assim, para ter êxito, especialmente face à adversidade, um movimento deve infundir uma lealdade mais firme e persistente. Isso é produzido pelo desenvolvimento do moral.

O desenvolvimento do moral. Como vimos, o *esprit de corps* consiste num sentimento coletivo que dá vida, entusiasmo e vigor a um movimento. O moral pode ser considerado como o que lhe dá persistência e determinação. A prova do movimento está no fato de a solidariedade poder manter-se em face da adversidade. Nesse sentido, o moral pode ser conside-

rado como um querer grupal ou como um propósito coletivo persistente.

O moral parece estar baseado e ser produzido por um conjunto de convicções. No caso de um movimento social, estas parecem ser de três tipos. Primeiro, trata-se de uma convicção acerca da retidão do propósito do movimento. Essa convicção é acompanhada pela crença de que a realização dos objetivos do movimento conduzirá a algo muito próximo de um estado milenário. Tudo que é mau, injusto, impróprio e errado será eliminado com o êxito do movimento. Nesse sentido, o alvo é sempre supervalorizado. No entanto, essas crenças produzem nos membros de um movimento uma acentuada confiança em si próprios. Uma segunda convicção, intimamente identificada com essas crenças, é uma fé de que finalmente se há de atingir, pelo movimento, o seu objetivo. Acredita-se que há nisso certa inevitabilidade. Como o movimento é tido como um agente necessário para a regeneração do mundo, é encarado como estando na linha dos superiores valores morais do universo e, nesse sentido, como divinamente favorecido. Em consequência, origina-se a crença de que o êxito é inevitável, mesmo se somente após um duro esforço. Finalmente, como integrante desse complexo de convicções, há a crença de que o movimento, está encarregado de uma missão sagrada. Juntas, essas convicções servem para dar um caráter persistente e imutável ao objetivo de um movimento e tenacidade ao seu esforço. Obstruções, restrições e reverses são ocasiões para esforço renovado e não para desânimo e desespero, desde que não debilitem seriamente a fé na retidão do movimento nem na inevitabilidade de seu êxito.

De toda essa explanação fica claro que o desenvolvimento do moral, num movimento, é essencialmente uma questão de desenvolver uma atitude seclária e uma fé religiosa. Isso fornece uma pista para a compreensão dos meios mais importantes pelos quais se constitui o moral num movimento. Um desses meios encontra-se na emergência de um culto, observável em qualquer movimento social duradouro e persistente. Geralmente há um santo principal e um conjunto de santos menores, escolhidos entre os líderes populares do movimento. Hitler, Lênin, Marx, Mary Baker Eddy e Sun Yat Sen servem como exemplos convenientes de santos maiores. Tais líderes tornam-se essencialmente deficiados e dotados de poder miraculoso. São tidos como imensamente superiores, inteligentes e infalíveis. As pessoas desenvolvem, para com eles, atitudes de reverência e admiração, e ofendem-se com as tentativas de descrevê-los como seres humanos comuns. Os retratos ou outras recordações desses

indivíduos assumem o caráter de ídolos religiosos. Associados aos santos de um movimento estão seus heróis e mártires. Também estes passam a ser considerados como figuras sagradas. O desenvolvimento de todo esse culto é um meio importante de imprimir ao movimento uma fé religiosa e de ajudar a construir aquele tipo de convicções acima referido.

Tem função similar a emergência, no movimento, de um credo e de uma literatura sagrada. Também estas encontram-se em todos os movimentos sociais persistentes. Assim, como frequentemente já se disse, *Das Kapital* e *Mein Kampf* têm sido as bíblias respectivamente do movimento comunista e do movimento nacional socialista. Deve ser evidente o papel de um credo e de uma literatura dessa espécie: dar convicção religiosa a um movimento.

Finalmente, grande importância deve ser atribuída aos mitos no desenvolvimento do moral de um movimento social. Tais mitos podem ser vários. Podem ser o de tomar-se como um grupo seleto ou um povo eleito; mitos da desumanidade dos adversários; mitos sobre o destino do movimento, mitos que descrevem uma sociedade gloriosa e milenária a ser realizada pelo movimento. Esses mitos geralmente nascem de e respondem aos desejos e esperanças dos participantes do movimento, e, em virtude de seu caráter coletivo, adquirem solidez, permanência e aceitação inquestionada. É sobretudo através deles que os membros do movimento alcançam a dogmática fixidez de suas convicções e procuram justificar suas ações perante o resto do mundo.

O desenvolvimento da ideologia grupal. Sem ideologia, um movimento social caminhará às apalpatadas, de modo incerto e dificilmente poderia manter-se em face da mencionada oposição de grupos externos. Por isso, a ideologia desempenha um papel relevante na vida de um movimento: ela é um mecanismo essencial à persistência e ao desenvolvimento deste. A ideologia de um movimento consiste num corpo de doutrina, crenças e mitos. Mais especificamente, parece consistir no seguinte: primeiro, uma afirmação do objetivo, propósito e premissas do movimento, segundo, um conjunto de críticas e condenações da estrutura vigente, que o movimento está atacando e buscando mudar; terceiro, um conjunto de doutrinas de defesa; quarto, um conjunto de crenças referentes a políticas, táticas e operações práticas do movimento; e quinto, os mitos do movimento.

É quase certo que essa ideologia tenha duplo caráter. Em primeiro lugar, muito dela é erudito e acadêmico. Essa é a

forma em que é desenvolvida pelos intelectuais do movimento. Tende a consistir em elaborados tratados de caráter abstrato e altamente coerentes. Desenvolve-se em geral em resposta às críticas de intelectuais não-participantes do movimento e procura obter, para os princípios doutrinários do movimento, uma posição respeitável e defensável no mundo do alto conhecimento e dos altos valores intelectuais. A ideologia tem entretanto ainda outro caráter, popular. Nesse aspecto, procura apelar aos não-instruídos e às massas. Em seu caráter popular, a ideologia toma a forma de símbolos emocionais, lemas, estereótipos, frases pitorescas simples e argumentos toscos. Refere-se, também, aos princípios doutrinários do movimento, mas os apresenta de modo a torná-los de fácil compreensão e aceitação.

A ideologia de um movimento pode ser considerada como o que lhe fornece sua filosofia e psicologia. Fornece um conjunto de valores, convicções, críticas, argumentos e defesas. Como tal, dá ao movimento: *a) direção;* *b) justificação;* *c) armas de ataque;* *d) armas de defesa;* e *e) inspiração* e esperança. Para ser eficaz em cada um desses aspectos, a ideologia deve possuir respeitabilidade e prestígio — caráter que lhe é dado sobretudo pelos intelectuais do movimento. Mais importante que isso, no entanto, é a necessidade de a ideologia responder à alfinção, aos desejos e às esperanças das pessoas. A menos que tenha esse apelo popular, a ideologia não é de nenhum valor ao movimento.

O papel da tática. Mencionamos a tática como o quinto mecanismo de importância, dentre os essenciais ao desenvolvimento de um movimento social. Obviamente, a tática desdobra-se em três direções: ganhar adeptos, conservar os que já aderiram e atingir os objetivos. Pouco mais pode ser dito, a menos que se esteja tratando de tipos específicos de movimentos em tipos específicos de situações. Isso porque a tática está sempre dependente da natureza da situação em que o movimento está operando, bem como do fundo cultural deste. A dependência funcional da tática, para com a peculiaridade da situação, ajuda a explicar as falhas ridículas que frequentemente resultam da aplicação de certa tática a uma dada situação, mesmo quando tenha tido êxito em outras situações. Seria flagrantemente tolice tentar aplicar, nos dias de hoje, táticas revolucionárias de dois séculos atrás. Do mesmo modo, daria provavelmente resultados muito desencorajadores a tentativa de desenvolver um movimento nesse país em termos de táticas empregadas num movimento semelhante em alguma outra e

diferente ambiência cultural. Em geral, pode-se dizer que as táticas são, quase por definição, flexíveis e variáveis, assumindo sua forma segundo a natureza da situação, as exigências das circunstâncias e a engenhosidade das pessoas.

Podemos concluir esta discussão, sobre os cinco mecanismos considerados, apenas com a reiteração de que o desenvolvimento com êxito de um movimento depende deles. Esses mecanismos é que estabelecem um programa, fixam políticas, desenvolvem e mantêm a disciplina e promovem a lealdade.

Reforma e revolução. Fez-se menção de que os movimentos sociais específicos são fundamentalmente de dois tipos: reformistas e revolucionários. Ambos buscam efetuar mudanças na ordem social e nas instituições existentes. Seus ciclos de vida são de certo modo semelhantes, e o desenvolvimento de ambos depende dos mecanismos que acabamos de discutir. Contudo, entre os dois há notáveis diferenças, algumas das quais serão indicadas.

Os dois movimentos diferem quanto ao *âmbito de seus objetivos*. O movimento reformista procura mudar algum aspecto específico ou uma área limitada da ordem social existente — tal como a abolição do trabalho infantil ou a proibição do consumo de álcool. O movimento revolucionário possui um objetivo mais amplo: procura reconstruir a ordem social por inteiro.

Essa diferença no objetivo está associada a uma *vantagem diferencial enquantio ponto de ataque*. Esforçando-se em mudar apenas uma porção da ordem social vigente, o movimento reformista aceita os princípios básicos dessa ordem social. Mais precisamente, aceita os *mores* existentes. De fato, serve-se destes para criticar os defeitos sociais que está atacando. O movimento reformista parte do código de ética dominante e deste deriva muito de sua própria sustentação, porque está bem lastreado pelo lado ético. Isso, de certo modo, torna inatacável a sua posição. É difícil atacar um movimento reformista ou os reformadores com base em seus *mores*. O ataque faz-se geralmente mais sob a forma de caricatura e ridículo, e caracterizando os reformadores como visionários e sem espírito prático. Em contraste, um movimento revolucionário sempre desafia os *mores* existentes e propõe um novo sistema de valores *morais*. Por isso, põe-se aberto a vigoroso ataque do ponto de vista dos *mores* existentes.

Uma terceira diferença entre os dois movimentos decorre dos pontos que foram assinalados. Um movimento reformista

tem *respeitabilidade*. Em virtude da aceitação da ordem social existente e de sua própria orientação em torno do código ideal, ele apresenta reivindicações sobre instituições existentes. Em consequência, utiliza essas instituições, tais como a escola, a igreja, a imprensa, clubes e Governo. Também quanto a isso o movimento revolucionário está em marcante contraste. Atacando a ordem social e rejeitando-lhe os *mores*, o movimento revolucionário é em geral, e afinal, conduzido subterraneamente: qualquer uso que faça das instituições existentes tem de ser cuidadosamente disfarçado. Em geral, toda agitação, proselitismo e manobras realizados pelos movimentos revolucionários têm de ser efetuados fora das instituições existentes. No caso em que um movimento reformista seja tido como demais sério, ameaçador de alguma classe poderosa ou de interesses ocultos, também tende a ter interdito o uso das instituições existentes. Isso tende a transformar um movimento reformista num movimento revolucionário: seus objetivos ampliam-se de modo a incluir a reorganização das instituições que lhe estão bloqueando o progresso.

As diferenças de posição entre os movimentos reformistas e revolucionários acarretam uma distinção importante quanto a seu *procedimento geral e tática*. Um movimento reformista esforça-se em progredir através do desenvolvimento de uma opinião pública favorável a seus objetivos. Conseqüentemente, procura criar um acontecimento público e fazer uso do processo de discussão [...]. O partido reformador pode ser visto como um grupo de conflito, em oposição por causa de interesses grupais e rodeado por uma grande população inerte. O movimento reformista dirige sua mensagem a esse público indiferente ou desinteressado, no esforço de obter o seu apoio. Em contraste, o movimento revolucionário não busca, basicamente, influenciar a opinião pública, mas fazer convertidos. Nesse sentido, opera antes como uma religião.

Isso implica certa diferença entre os grupos nos quais os dois movimentos conduzem, respectivamente, sua agitação e procuram aderentes. O movimento reformista, embora comumente exista em nome de algum grupo angustiado ou explorado, pouco faz para neste estabelecer a sua força. Ao contrário, tenta angariar a lealdade de um público de classe média que lhe é exterior e nele procura despertar uma simpatia vicária para com o grupo oprimido. Por isso, em geral, não é freqüente que a liderança ou a participação num movimento reformista venha do grupo cujos direitos estão sendo defendidos. Nesse sentido difere um movimento revolucionário. Sua agitação faz-se entre

aqueles que são considerados como se achando num estado de angústia ou exploração. Esforça-se por estabelecer sua força através do recrutamento dessas pessoas para as suas fileiras. Por isso, o movimento revolucionário é comumente um movimento de classe baixa que opera entre os subprivilegiados.

Finalmente, em virtude dessas diferenças características, os dois movimentos divergem em suas funções. A função fundamental no movimento reformista provavelmente não é tanto a mudança social, mas a reafirmação dos valores ideais de uma dada sociedade. No caso de um movimento revolucionário, a tendência a dicotomizar o mundo entre aqueles que têm e aqueles que não têm, e a desenvolver estes últimos como um grupo forte, coeso e descompromissado, fazem que sua função seja a de introduzir um novo sistema de valores essencialmente religiosos.

Uma última observação pode ser feita sobre os movimentos sociais específicos. Podem eles ser considerados como sociedades em miniatura e, como tais, significam a construção de comportamento coletivo organizado e formalizado a partir do que era originalmente amorfo e indefinido. Em seu avanço, uma organização social é desenvolvida, novos valores são formados e novas personalidades são organizadas. Isso, de fato, constitui seu resíduo. Eles deixam atrás de si uma estrutura institucional e um corpo de funcionários, novos objetos e maneiras de ver, e um novo conjunto de autoconcepções.

GRUPOS DE REFERÊNCIA: PRIVAÇÃO PRESENTE E AFIRMAÇÃO DO FUTURO*

ROBERT K. MERTON

Tradução de Luiz PEREIRA

[...] *sob quais condições os membros dos grupos de que um indivíduo participa são por ele tomads como quadro de referência para auto-avaliação e formação de atitudes, e sob quais condições o quadro de referência é fornecido por grupos de que ele não participa?*

EM PRINCÍPIO, os grupos de referência são quase inumeráveis: quaisquer grupos de que o indivíduo é membro (e estes são comparativamente poucos), bem como grupos de que o indivíduo não participa (obviamente em número muito grande), podem tornar-se pontos de referência para a formação das atitudes, avaliações e comportamento dessa pessoa [...].

Essas questões iniciais ajudam a delimitar nossa presente investigação. Sem dúvida, antiga e provavelmente bem fundada é a noção de que os homens agem num quadro social de referência constituído pelos grupos de que participam. Ficasse nisso o interesse da teoria dos grupos de referência e esta seria apenas

* Excertos de "Contributions to the Theory of Reference Group Behavior" (em colaboração com Alice S. Rossi), cap. VIII de *Social Theory and Social Structure*, The Free Press, Glencoe, 1968.